

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Natasha Brum de Lima

Desigualdade social na literatura infantil brasileira contemporânea: análise do
catálogo de três editoras.

Sorocaba
2025

Natasha Brum de Lima

Desigualdade social na literatura infantil brasileira contemporânea: análise do
catálogo de três editoras.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia para
obtenção de título de Licenciada em
Pedagogia da Universidade Federal de
São Carlos.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti

Sorocaba
2025

Lima, Natasha Brum de

Desigualdade social na literatura infantil brasileira contemporânea: análise do catálogo de três editoras. / Natasha Brum de Lima -- 2025. 48f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Márcio Antônio Gatti

Banca Examinadora: Carlos André Ferreira, Mayara Victor Gomes

Bibliografia

1. Literatura infantil brasileira. 2. Desigualdade social. 3. Editoras. I. Lima, Natasha Brum de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 11/2025/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

NATASHA BRUM DE LIMA

DESIGUALDADE SOCIAL NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO CATÁLOGO DE TRÊS EDITORAS

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 24 de julho de 2025

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti
Membro da Banca 1	Prof. Dr. Carlos André Ferreira
Membro da Banca 2	Prof.ª M.ª Mayara Victor Gomes



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Antonio Gatti, Professor(a)**, em 24/07/2025, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1917166** e o código CRC **610EF9E1**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.021966/2025-85

SEI nº 1917166

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

Assinado por:

150390778F95422...

Prof. Dr. Carlos André Ferreira

Assinado por:

Prof.ª M.ª Mayara Victor Gomes

26F9198B24E4A1...

Prof.ª M.ª Mayara Victor Gomes

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos que estiveram comigo durante a grande aventura que foi minha trajetória na universidade. Sem minha família, namorado, amigos, professores e todos os alunos que tive, jamais chegaria até aqui.

AGRADECIMENTOS

É de extrema importância que aqui eu reconheça e agradeça a todos aqueles que estiveram comigo durante a aventura que foi este processo de formação, afinal, sem as vivências que tive, os risos, as lágrimas e as emoções que compartilhei durante essa trajetória fizeram parte da construção da pessoa que sou hoje.

Gostaria de agradecer primeiro a minha família, que sempre me apoiou para que eu chegasse aqui – e em qualquer lugar que eu quisesse. Em especial, a minha mãe, Nair Brum de Paula Lima, por ser aquela que sempre foi minha melhor amiga, minha inspiração e minha incentivadora a terminar tudo aquilo que começamos. Ao meu pai, José Robson de Lima Junior, por ser meu porto seguro, meu herói e a pessoa que mais acreditou no meu potencial em todos esses anos.

Agradeço às minhas irmãs, Natália e Maura, que foram as primeiras crianças que me fizeram enxergar que a Pedagogia era o caminho certo para mim. Obrigada por terem me tornado uma irmã mais velha. Tenho muito orgulho de vocês.

Agradeço imensamente ao meu namorado, Natan da Silva Guedes, que acompanhou todos os processos que vivenciei dentro da universidade, desde minha aprovação, até o momento da entrega desse trabalho de conclusão de curso. Mal posso esperar para que possamos viver muitas outras aventuras juntos, você me inspira diariamente a continuar perseguindo meus sonhos e a não desistir. Agradeço também aos meus sogros, Noemia e Wanderlei, que me trataram tão bem como nora e me deram de presente uma pessoa tão especial. Mesmo não estando aqui em presença, sei que eles estão torcendo e felizes por nossas conquistas.

Não há como não agradecer a todos os amigos que me acompanharam nessa jornada: Luane, Vanessa, Giovanna, Melissa, Gustavo, Bruno, Ingrid, Carina, Vitória e Olívia. Obrigada por estarem ao meu lado nos momentos felizes e tristes, obrigada por sempre me encorajarem a seguir em frente e a não desistir dos nossos sonhos. Vocês me fazem enxergar a vida com mais amor, nossa profissão com mais carinho e eu agradeço por compartilharem comigo tantas histórias e ensinamentos.

Gostaria de agradecer também aos professores que tornaram a universidade uma experiência única para mim. Agradeço principalmente ao meu orientador Márcio Antônio Gatti por me acompanhar durante esse processo agriadoce que é finalizar a

graduação e esse trabalho de conclusão de curso. E também à Lúcia Lombardi, que é uma professora maravilhosa e me ajudou, mesmo sem querer, a decidir qual seria o tema deste trabalho. Agradeço especialmente a banca, Prof. Dr. Carlos André Ferreira e Prof.^a Ma. Mayara Victor Gomes por aceitarem o convite de participar de um momento tão especial para mim e da realização do sonho que é alcançar a etapa final da graduação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a cada aluno e colega de profissão que me inspiraram a continuar persistindo no meu sonho que sempre foi ser professora. Agradeço também aos autores de livros que marcaram minha vida, afinal, um livro é uma poderosa arma de transformação, principalmente na mão de uma criança.

“As aventuras nunca têm fim? Suponho que não. Alguém sempre tem que continuar a história.” (Tolkien, 2007)

RESUMO

Este trabalho busca analisar criticamente a presença e representação da desigualdade social, em especial da pobreza, na literatura infantil brasileira contemporânea, com foco nos catálogos de três editoras relevantes: Companhia das Letrinhas, Editora FTD e Expressão Popular. A partir de critérios específicos de seleção, investiga-se como essas editoras abordam temas sociais sensíveis, a partir de suas propostas editoriais e das obras disponíveis. Os resultados indicam que, apesar de avanços na inclusão de temas como diversidade racial e pluralidade cultural, a pobreza permanece pouco representada ou tratada de forma periférica nas editoras comerciais. Em contrapartida, a Editora Expressão Popular destaca-se por uma linha editorial que enfrenta diretamente as desigualdades, com foco na formação crítica e na visibilidade das infâncias marginalizadas. Ressalta-se a importância da ampliação do acesso e da circulação dessas narrativas, especialmente em espaços escolares e bibliotecas, para promover uma literatura infantil mais plural, ética e comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Literatura infantil brasileira; desigualdade social; pobreza; representação; editoras; formação leitora.

ABSTRACT

This work critically analyzes the presence and representation of social inequality, especially poverty, in contemporary Brazilian children's literature, focusing on the catalogs of three major publishers: Companhia das Letrinhas, Editora FTD, and Expressão Popular. Based on specific selection criteria, it investigates how these publishers address sensitive social themes, considering their editorial proposals and available works. The results show that despite advances in including topics such as racial diversity and cultural plurality, poverty remains underrepresented or marginally addressed in commercial publishers. In contrast, Expressão Popular stands out with an editorial line that directly confronts inequalities, focusing on critical formation and the visibility of marginalized childhoods. The article emphasizes the need to expand access to and circulation of these narratives, particularly in schools and libraries, to foster a more plural, ethical, and socially transformative children's literature.

Key-words: Brazilian children's literature; social inequality; poverty; representation; publishers; reading formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Livro "Os Invisíveis"	32
Figura 2 - Trecho retirado do livro "Os Invisíveis"	33
Figura 3 - Livro "Crianças na escuridão".	36
Figura 4 - Livro "História do menino que lia o mundo".	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL	20
3	A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA (E PARA ALÉM DISSO) NO BRASIL	25
4	O QUE NOS DIZEM OS CATÁLOGOS DAS EDITORAS MAIS RENOMADAS: COMPANHIA DAS LETRINHAS E FTD	30
4.1	EDITORA COMPANHIA DAS LETRINHAS.....	31
4.2	EDITORA FTD.....	34
5	O QUE NOS DIZ O CATÁLOGO DA EDITORA EXPRESSÃO POPULAR	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Tão presente na escola quanto no cotidiano, a literatura infantil pode ser vista como uma porta de entrada da criança para o mundo dos livros. Para alguns, ela é vista apenas como uma ferramenta de suporte pedagógico com o único objetivo de alfabetizar. Para outros, a literatura infantil vai muito além, sendo um instrumento de formação humana, capaz de despertar a imaginação, desenvolver a empatia e apresentar valores e reflexões de maneira lúdica e significativa.

A literatura não só auxilia no processo de alfabetização, mas também na construção de repertório cultural, no estímulo ao pensamento crítico e no fortalecimento do vínculo afetivo entre leitor e texto. Através de histórias, a criança tem a oportunidade de explorar diferentes realidades, emoções e perspectivas, ampliando sua compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. Assim, a literatura infantil se revela uma poderosa aliada não apenas no aprendizado técnico, mas também no crescimento emocional e intelectual das crianças.

Segundo a perspectiva de alguns autores, a literatura para crianças ainda é um tópico muito recente a ser discutido e produzido no Brasil. Ceccantini (2010, p. 9) afirma que “a literatura infantil brasileira, em termos históricos, é uma menina. Conta com pouco mais de um século e, por consequência, o discurso teórico, crítico e historiográfico que sobre ela se tem produzido no país é um fenômeno ainda mais recente.”

A produção tanto de literatura quanto de estudos sobre esse tema ainda não parece ser suficiente para cobrir um universo tão vasto quanto o dos livros voltados para crianças, tendo em vista que ainda existe muito a ser discutido e explorado. Autoras como Regina Zilberman e Marisa Lajolo também destacam que, apesar dos avanços nas últimas décadas, a literatura infantil no Brasil ainda carece de maior reconhecimento como campo de estudo acadêmico e como expressão artística autônoma (Zilberman; Lajolo, 2001, p. 17). Além disso, há desafios específicos, como a necessidade de ampliar a diversidade de vozes e narrativas, garantindo que histórias representem a pluralidade cultural, regional e social do país.

O caminho percorrido para chegarmos ao atual nível de desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, embora relativamente recente, foi repleto de percalços e

transformações. O início da literatura infantil no Brasil remonta ao final do século XIX e início do século XX, período em que surgem as primeiras iniciativas de produção de textos voltados especificamente para o público infantil. Contudo, esse início foi marcado por um forte viés pedagógico, voltado mais para a moralização e o ensino de boas maneiras do que para o prazer estético da leitura. Segundo Zilberman (1987, p. 25), a literatura infantil brasileira surge como uma ferramenta para a formação de um “cidadão disciplinado”, a partir de uma lógica civilizatória, muitas vezes afastada da realidade das próprias crianças.

Antes disso, o pequeno espaço ocupado pelos livros feitos para crianças era composto apenas por traduções de contos e obras estrangeiras, predominantemente de origem europeia, como os contos dos irmãos Grimm e de Charles Perrault, que chegaram ao Brasil através da escola e das práticas pedagógicas importadas da Europa. Lajolo e Zilberman (2001, p. 12) observam que, até o início do século XX, o que se oferecia às crianças brasileiras eram versões traduzidas de clássicos europeus, muitas vezes adaptadas com forte carga moral e religiosa, sem preocupação com o contexto sociocultural do leitor local. Como afirmam as autoras, “a infância brasileira foi, durante muito tempo, moldada por um imaginário estrangeiro, distante da realidade nacional”.

Essa predominância de traduções estrangeiras refletia não só a ausência de uma produção nacional consolidada, mas também a ideia, amplamente difundida na época, de que a infância deveria ser formada por modelos considerados ‘superiores’, vindos das metrópoles europeias. Somente com autores como Monteiro Lobato, a partir da década de 1920, é que se inicia uma produção mais autêntica, voltada à realidade brasileira e marcada por uma proposta literária mais complexa, ainda que permeada por contradições.

Apesar dos desafios, a literatura infantil no Brasil tem evoluído significativamente, com autores e ilustradores nacionais ganhando reconhecimento e prêmios internacionais¹. Além disso, há um crescente interesse em diversificar as

¹ Entre os autores, destaca-se Daniel Munduruku, escritor indígena que recebeu o Prêmio Jabuti e foi contemplado com o título de “Autor pela Paz” da Unesco. Ver: MUNDURUKU, Daniel. Quem quer

narrativas, abordando temas como inclusão, diversidade cultural e questões ambientais.

Essa expansão temática não apenas enriquece o repertório literário disponível para as crianças, mas também promove valores fundamentais para a formação de cidadãos conscientes, críticos e socialmente engajados. A presença crescente de obras que abordam questões como racismo, gênero e sexualidade, diversidade cultural e ambientalismo sinaliza um esforço por parte de autores e ilustradores em ampliar as fronteiras do que tradicionalmente era considerado “apropriado” para o público infantil.

No entanto, essa abertura temática também tem gerado controvérsias e resistências, sobretudo em setores conservadores da sociedade e em determinados espaços escolares. Algumas obras vêm sendo alvo de censura, exclusão de acervos ou tentativas de restrição de circulação, sob alegações de que determinados conteúdos seriam “inadequados” para crianças. Como observa Oliveira (2022, p. 89), “a politização do conteúdo literário infantil revela um embate entre projetos de formação divergentes: de um lado, a literatura como instrumento de reflexão e cidadania; de outro, a manutenção de um modelo normativo e homogêneo de infância”.

Nesse contexto, programas governamentais como o PNLD Literário (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) têm exercido papel ambíguo. Por um lado, o programa amplia o acesso à leitura ao distribuir gratuitamente livros literários às escolas públicas de todo o país, contribuindo para a formação de acervos escolares mais diversos. Por outro, a seleção editorial dos títulos muitas vezes passa por filtros ideológicos e critérios subjetivos, o que pode comprometer a diversidade e complexidade temática das obras escolhidas. Como aponta a pesquisadora Teresa Colomer (2021, p. 143), “a institucionalização da literatura pela escola e pelos

brincar comigo? São Paulo: Callis, 2001. Além disso, Fábio Monteiro, autor e editor da Fundação Biblioteca Nacional, teve obras selecionadas para o catálogo da Feira de Bolonha. Ver: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Autor brasileiro selecionado para o catálogo da Feira de Bolonha. Disponível em: <https://www.gov.br/fbn/pt-br/assuntos/noticias/autor-brasileiro-catalogo-bolonha>. Acesso em: 07 jul. 2025.

governos tende a favorecer obras de consenso, muitas vezes em detrimento de textos mais desafiadores ou politicamente engajados”

Além do PNLD, outras iniciativas como o Programa de Bibliotecas Escolares e Comunitárias, implementado por secretarias municipais e estaduais, bem como eventos como a Festa Literária das Periferias (FLUP) e a Bienal do Livro, têm desempenhado papéis importantes na democratização da leitura, levando autores contemporâneos para espaços antes marginalizados. Ainda assim, o impacto dessas ações esbarra em desigualdades regionais e estruturais que persistem em limitar o acesso à literatura para crianças das classes populares.

Dessa forma, a literatura infantil brasileira segue em constante disputa: entre a ousadia de se reinventar e incluir vozes historicamente silenciadas, e as barreiras sociais, culturais e institucionais que ainda cerceiam a pluralidade de narrativas no espaço escolar e editorial.

No entanto, um desafio ainda persistente na literatura infantil brasileira é a escassa representação das diferentes classes sociais, especialmente das realidades vividas por crianças oriundas de contextos economicamente desfavorecidos. Embora se observem avanços na inclusão de temas como diversidade étnico-racial, de gênero e familiar, as narrativas que colocam em cena a experiência concreta da pobreza, da desigualdade e da exclusão social ainda são minoritárias. Essa ausência reforça um imaginário homogêneo e frequentemente idealizado da infância, descolado da complexidade do cotidiano de grande parte das crianças brasileiras.

Para além dessa lacuna de representatividade, é importante destacar que a própria desigualdade social — estrutura fundante das disparidades educacionais, raciais e territoriais do país — ainda é pouco problematizada na literatura voltada ao público infantil. A maioria das obras, mesmo quando voltada a temas sensíveis, evita encarar de forma direta os mecanismos que perpetuam a injustiça social, optando por abordagens atenuadas ou simbólicas. Como aponta Nascimento (2023, p. 61), “a literatura infantil brasileira contemporânea, com raras exceções, hesita em enfrentar os fatores estruturais da desigualdade, limitando-se muitas vezes a narrativas que suavizam o conflito e individualizam a responsabilidade”

Essa resistência em tratar a desigualdade como um problema sistêmico — e não como um infortúnio isolado — compromete o potencial da literatura infantil como ferramenta crítica e humanizadora. Ao não oferecer aos leitores infantis a possibilidade de refletir sobre a desigualdade em suas múltiplas dimensões, perde-se a chance de formar sujeitos mais conscientes das estruturas que organizam o mundo social em que vivem.

A literatura, entre suas múltiplas funções, também se configura como uma poderosa ferramenta para refletir e transformar a sociedade. Nesse sentido, é crucial que ela inclua uma diversidade de vozes, vivências e contextos, especialmente aqueles historicamente silenciados. Promover a produção e a distribuição de obras que retratem as variadas realidades socioeconômicas do Brasil não se limita apenas a garantir que todas as crianças se vejam representadas — embora o sentimento de pertencimento seja, sim, um elemento importante para o desenvolvimento da identidade e da autoestima infantil.

Mais do que isso, trata-se de conscientizar desde cedo sobre a existência do outro, da diferença, da diversidade de modos de vida, promovendo o respeito, a empatia e a solidariedade. Ao entrar em contato com realidades distintas das suas, a criança amplia sua compreensão do mundo e começa a desenvolver uma visão crítica sobre as desigualdades sociais, questionando normas e estruturas que muitas vezes são naturalizadas no cotidiano. Assim, a literatura infantil deixa de ser apenas um espaço de espelhamento para se tornar também um espaço de deslocamento, de abertura ao novo e de formação ética e cidadã. Por isso, pensar a presença das classes populares na literatura infantil não é apenas uma questão de representatividade, mas de responsabilidade pedagógica, estética e política, na medida em que contribui para a construção de uma sociedade mais justa, plural e consciente de suas contradições.

A partir da hipótese de que a literatura infantil contemporânea brasileira tem se dedicado a abordar temas outrora escamoteados, como o racismo, a diversidade cultural e a pluralidade familiar, a proposta deste trabalho é realizar um levantamento sobre a produção de livros infantis brasileiros que representam as diversas classes sociais, notadamente as menos economicamente favorecidas. Para isso, será feito um levantamento de dados em duas renomadas editoras de livros, a Companhia das

Letrinhas e a FTD. Em comparativo, serão analisadas também as publicações mais recentes da editora Expressão Popular, cuja linha editorial é caracterizada por um viés crítico e voltado a temas sociais, políticos e de resistência.

Essa hipótese ganha ainda mais validade diante das recentes polêmicas envolvendo a presença de conteúdos considerados “sensíveis” ou “ideológicos” em livros infantis distribuídos em escolas públicas, especialmente através de programas como o PNLD Literário. Nos últimos anos, livros que tratam de temas como pobreza, desigualdade, ancestralidade indígena ou gênero têm sido alvos de tentativas de censura ou exclusão de acervos escolares, evidenciando a disputa ideológica que permeia o campo da literatura infantil. Como afirma Müller (2022, p. 44), “a crescente tensão em torno dos livros infantis que tratam de questões sociais revela não apenas o incômodo com a quebra de um imaginário homogêneo de infância, mas sobretudo o receio de formar leitores críticos e conscientes das estruturas de poder que os cercam”.

Além disso, este estudo busca contribuir para a reflexão acerca da importância das representações sociais na literatura infantil, ressaltando seu papel na formação de crianças mais empáticas, conscientes e comprometidas com a justiça social desde os primeiros anos. A intenção em analisar os catálogos editoriais da Companhia das Letrinhas, da FTD e da Expressão Popular fundamenta-se no entendimento de que esses materiais funcionam como registros representativos de um dado recorte do mercado livreiro infantil brasileiro. Ao apresentarem as obras que cada editora escolhe divulgar e disponibilizar, os catálogos revelam não apenas suas diretrizes editoriais e temáticas privilegiadas, mas também espelham demandas sociais, orientações pedagógicas e disputas ideológicas do período em que foram produzidos.

Desse modo, observar tanto o que é incluído quanto o que é excluído desses catálogos permite identificar quais narrativas são legitimadas e quais permanecem marginalizadas, evidenciando as tensões entre mercado, políticas públicas e produção cultural. A análise dos catálogos, portanto, torna-se uma estratégia metodológica eficaz para mapear a presença — ou ausência — das classes populares na literatura infantil contemporânea, bem como para compreender os sentidos que tais representações assumem nos projetos de formação leitora em desenvolvimento no país.

No primeiro capítulo, será apresentado um breve histórico da literatura infantil do Brasil, suas origens e sua importância na formação de crianças, tanto no sentido educacional, tanto na formação de sujeitos críticos. Já o segundo capítulo, visa abordar um pouco do papel da literatura infantil no Brasil para além de sua importância como ferramenta pedagógica de alfabetização e letramento em escolas, tendo em vista sua função social. Os próximos dois capítulos têm o papel de analisar os catálogos das editoras escolhidas² para aprofundar a pesquisa e buscar responder a dúvida: existe uma vasta produção de livros voltados para crianças escritos por autores brasileiros e publicados sobre desigualdade social, com ênfase nas classes mais desfavorecidas? Por fim, chegamos às considerações finais e vemos os desdobramentos da pesquisa dos três catálogos.

² Embora a análise se concentre nos catálogos de apenas três editoras, é imprescindível reconhecer a existência de diversas outras casas editoriais relevantes no âmbito da literatura infantil brasileira, como a Editora Ática responsável pela Coleção Vagalume, a qual exerceu papel significativo na popularização e democratização do acesso aos livros infantis no país.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

A literatura infantil brasileira possui uma trajetória complexa, refletindo as transformações sociais, culturais e educacionais do país, ao mesmo tempo em que revela as tensões e silêncios que atravessam a história da infância no Brasil. Desde seus primórdios, essa produção literária tem sido marcada tanto pela influência de modelos estrangeiros quanto pela presença viva das tradições populares e orais, que expressam os saberes e experiências das camadas mais desfavorecidas — ainda que muitas vezes marginalizadas nas edições impressas e nos circuitos editoriais mais prestigiados.

A oralidade, reconhecida como a mais antiga forma de expressão literária da humanidade, teve um papel determinante na construção da literatura infantil no Brasil. Narrativas populares — indígenas, portuguesas e africanas — já eram amplamente disseminadas pelo território nacional, influenciando a formação cultural das crianças brasileiras. Como afirmam Martins D'Ávila e Fortkamp Caldin (2019, p. 76), "a oralidade, com suas narrativas tradicionais e populares, foi uma das bases para o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, tendo papel fundamental na formação do imaginário das crianças brasileiras e na transmissão de valores culturais".

Essas narrativas orais, carregadas de elementos do cotidiano, da sabedoria popular e de experiências coletivas eram transmitidas de geração em geração nas comunidades rurais, nas periferias urbanas e entre povos originários e africanos escravizados. Ao mesmo tempo em que proporcionavam encantamento e aprendizado, essas histórias revelavam uma dimensão social profunda: falavam de luta, de trabalho, de injustiças e de esperanças. No entanto, quando a literatura infantil passou a ser registrada e publicada em livros, boa parte desse repertório popular foi marginalizado em favor de modelos importados e moralizantes, desconectados das realidades das classes populares.

As primeiras manifestações de livros direcionados ao público infantil no Brasil datam do século XIX, período profundamente impactado pela vinda da família real portuguesa e pela criação da Imprensa Régia, em 1808. A fundação dessa instituição representou um marco para o surgimento de uma cultura escrita local, ao permitir que documentos oficiais, livros e jornais passassem a ser impressos em território nacional. Como afirma Souza (1995, p. 42), "a criação da Imprensa Régia representou um

marco para o surgimento de uma cultura escrita local, permitindo a circulação de ideias e textos que antes vinham de fora.” Nesse contexto, o Brasil iniciava um processo de reestruturação social e cultural, impulsionado pelas transformações políticas e institucionais do período. Segundo del Priore (2010, p. 88), “a vinda da família real não apenas transferiu o centro político do Império, mas também inaugurou um novo ciclo de desenvolvimento cultural e institucional.”

Com o crescimento da imprensa nacional, os primeiros livros voltados ao público infantil passaram a circular, embora ainda fortemente marcados pela influência estrangeira. Conforme destaca Santaella (2000, p. 23), “os livros infantis mais acessíveis na época eram versões de autores europeus, em especial portugueses e franceses, com forte cunho moralizante.” Autores como Charles Perrault, célebre por contos como Chapeuzinho Vermelho e Cinderela, exerceram grande influência sobre essas primeiras obras. Essas narrativas, traduzidas ou adaptadas, refletiam uma tendência de importação de modelos culturais europeus, reforçando valores pedagógicos alinhados ao moralismo da época. Mesmo publicações originais brasileiras, como Contos da Carochinha (1896), de Figueiredo Pimentel, seguiam esses padrões, adaptando fábulas e histórias estrangeiras ao contexto local. Esse período marcou, portanto, a introdução da literatura infantil como um gênero próprio no Brasil, ainda que profundamente atrelado a valores educativos e à estrutura narrativa europeia predominante no século XIX.

No entanto, mesmo com essa influência externa, começava a surgir, ainda que de forma incipiente, uma busca por elementos que pudessem dialogar com a realidade e a identidade brasileira, preparando o terreno para o surgimento de uma produção literária infantil mais autêntica e enraizada na cultura nacional.

No século XX, a literatura infantil brasileira passou por uma grande transformação com o surgimento de autores nacionais que se dedicaram a criar narrativas originais para crianças. Segundo Zilberman (2003, p. 21), “Lobato inaugurou um novo paradigma na literatura infantil, ao enxergar a criança como um leitor ativo e questionador, rompendo com a tradição moralizante”.

Embora Monteiro Lobato tenha desempenhado papel central na consolidação da literatura infantil brasileira, sua produção literária está profundamente marcada por

ideologias eugenistas que permeavam o pensamento científico e social do início do século XX. Ao fundamentar suas narrativas em pressupostos que hierarquizam raças e classes sociais, Lobato naturaliza uma visão excludente e discriminatória, expressa por meio de representações estereotipadas e desumanizantes, sobretudo em relação a personagens negros e indígenas. Essa base eugenista não apenas reforça estigmas raciais, mas também legitima estruturas sociais hierarquizadas e racistas, refletindo a reprodução do racismo estrutural na cultura literária destinada ao público infantil. Portanto, a obra de Lobato exige uma análise crítica que reconheça sua relevância histórica, mas que também denuncie suas limitações éticas e políticas, sobretudo no que tange à reprodução de discursos excludentes sob o verniz da educação e do entretenimento. Como ressalta Porto

Apesar da importância histórica de Monteiro Lobato, suas obras carregam um discurso que naturaliza desigualdades e perpetua preconceitos racializados, exigindo uma releitura crítica que desmonte esses pressupostos e amplie o horizonte da literatura infantil brasileira. (Porto 2010, p. 45)

Logo mais, outras vozes e abordagens para a literatura infantil surgiram também. Cecília Meireles, com "Ou Isto ou Aquilo" (1964), elevou o gênero ao patamar da grande poesia, enquanto Lygia Bojunga, em obras como "A Bolsa Amarela" (1976), explorou temas psicológicos complexos com sensibilidade. Simultaneamente, o fortalecimento do mercado editorial e das políticas públicas de leitura, especialmente a partir da segunda metade do século XX, permitiu maior acesso aos livros infantis e diversificação temática.

Ao longo dos anos, as temáticas abordadas na literatura infantil passaram por mudanças significativas. Se, no início, as histórias tinham um forte caráter moralista e educativo, com o tempo elas começaram a refletir a diversidade cultural do Brasil, incorporando elementos do folclore, lendas regionais e temas sociais. Como afirmam Lajolo e Zilberman (2007, p. 33), "a literatura infantil deixou de ser apenas um instrumento pedagógico para se tornar um espaço de construção de identidade e reflexão sobre a sociedade".

O mercado editorial e as políticas públicas desempenharam um papel essencial na produção e distribuição da literatura infantil no Brasil. Incentivos governamentais,

como programas de aquisição de livros para escolas e bibliotecas, têm sido fundamentais para democratizar o acesso à leitura. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância da literatura na formação dos estudantes, afirmando que “a experiência com a literatura possibilita a ampliação da visão de mundo dos estudantes, favorecendo a construção de identidades e a valorização da diversidade” (Brasil, 2018, p. 67).

Na contemporaneidade, a literatura infantil brasileira tem se caracterizado por uma crescente pluralidade de vozes autorais e representações. Escritores e ilustradores de diversas regiões, identidades étnico-raciais, gêneros e classes sociais vêm ocupando um espaço cada vez mais significativo na produção editorial, contribuindo para a construção de uma literatura mais inclusiva e representativa da complexidade do país. Como destaca Oliveira (2020, p. 54), “a multiplicidade de olhares na literatura infantil contemporânea é essencial para que crianças de diferentes contextos se reconheçam nos livros que leem e possam imaginar outros mundos possíveis”.

Nos últimos anos, observa-se um movimento crescente de editoras independentes que vêm se dedicando à publicação de obras que rompem com os padrões comerciais tradicionais. Essas editoras apostam em projetos gráficos inovadores e em conteúdos que estimulam o leitor infantil a refletir criticamente sobre o mundo que o cerca. Muitas dessas iniciativas dialogam com propostas pedagógicas alternativas, que valorizam a escuta, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. No entanto, como alerta Nascimento (2021, p. 91), esse avanço, embora significativo, ainda convive com lacunas importantes no que diz respeito à representatividade das infâncias marginalizadas.

Apesar das inovações editoriais, a presença de obras que abordem diretamente as desigualdades sociais e a vida cotidiana das crianças das classes populares permanecem restrita. Muitas publicações continuam evitando representar a pobreza como parte constitutiva da experiência infantil brasileira, preferindo narrativas que idealizam a infância ou a deslocam para contextos abstratos e universalizados.

Essa tendência, segundo Nascimento (2021, p. 91), resulta em “uma invisibilização sistemática das infâncias pobres na literatura infantil, o que contribui para a manutenção de estigmas e para a negação da diversidade social do país”. A crítica

de Nascimento dialoga com a de Cristiane Rogério (2019, p. 17-18), que afirma que "a exclusão das infâncias periféricas dos livros infantis compromete o desenvolvimento de um imaginário coletivo mais justo e diverso." Ao negligenciar essas realidades, a literatura infantil reforça estereótipos de classe e perpetua uma visão hegemônica da infância que desconsidera os múltiplos modos de existência das crianças em contextos de vulnerabilidade.

A esse respeito, Regina Zilberman (2003, p. 25) destaca que a literatura infantil, ao mesmo tempo em que entretém, possui uma função formadora, pois ajuda a estruturar visões de mundo desde a infância. Portanto, a ausência ou o silenciamento de determinadas experiências sociais e culturais não é apenas uma lacuna editorial, mas também uma omissão política. Eliane Debus (2008, p. 35-36) reforça essa perspectiva ao afirmar que "a literatura infantil deve assumir o compromisso de apresentar o mundo em sua complexidade, permitindo à criança a compreensão das contradições e das diferentes realidades que a cercam".

Além disso, é importante considerar que, como argumenta Peter Hunt (1992, p. 3), a literatura infantil é sempre produzida por adultos, o que implica relações assimétricas de poder sobre o que se decide mostrar ou ocultar sobre a infância. Quando essas escolhas recaem sistematicamente sobre a omissão da pobreza e das desigualdades, perpetuam-se visões limitadas de infância e exclui-se do campo literário uma parcela significativa da população infantil brasileira.

Portanto, ao mesmo tempo em que se reconhece a importância dos avanços conquistados nas últimas décadas, torna-se urgente fortalecer a produção, publicação e circulação de obras que deem visibilidade às experiências, desafios e potências das infâncias das classes populares. Como defende Nascimento (2021, p. 91), a representação dessas vivências é fundamental não apenas para garantir o direito à diversidade no campo da literatura, mas também para fomentar uma formação leitora crítica e comprometida com a transformação social. Valorizar essas narrativas é, assim, um passo decisivo para a construção de um imaginário infantil mais plural, justo e verdadeiramente inclusivo.

3 A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA (E PARA ALÉM DISSO) NO BRASIL

A literatura infantil exerce um papel fundamental no processo de alfabetização que vai muito além da simples decodificação de palavras, configurando-se como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de competências cognitivas e linguísticas mais complexas. Lajolo (2001, p. 86) aponta que “a literatura, mesmo quando utilizada como recurso pedagógico, não se reduz a um instrumento mecânico de ensino, mas se constitui como uma ponte entre o sujeito e o mundo simbólico”. Essa visão revela que, no seu papel alfabetizador, a literatura infantil não se restringe ao ensino técnico da língua, mas contribui para formar leitores capazes de interpretar sentidos e estabelecer relações críticas entre texto e realidade.

Assim, a literatura infantil não apenas ensina a ler palavras, mas também a interpretar significados, contextualizar narrativas e estabelecer conexões entre o texto e o mundo. A leitura literária na infância estimula a imaginação, a capacidade de abstração e o pensamento crítico desde os primeiros contatos com a escrita. Sua função tradicional na alfabetização, portanto, ultrapassa o domínio técnico da língua, abrangendo a formação de leitores que interagem com os textos de forma significativa e reflexiva.

No ambiente escolar, a literatura infantil desempenha um papel estruturante na aprendizagem da leitura e da escrita, pois cria contextos afetivos e significativos que favorecem a apropriação do código linguístico. Narrativas bem construídas servem como pontes entre o universo simbólico da linguagem escrita e o mundo concreto da criança, facilitando a compreensão gramatical, a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da fluência leitora. Contudo, seu papel ultrapassa essa dimensão técnica.

Por meio da inserção da criança em universos narrativos ricos e complexos, a literatura infantil também contribui para o letramento literário — um processo que supera a alfabetização, pois envolve a formação de repertório cultural, a construção de sentidos e o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante dos textos. Freire (1989, p. 11) lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a leitura desta implique a continuidade da leitura daquele”. Essa perspectiva destaca que o verdadeiro letramento não é apenas técnico, mas uma prática social e

emancipadora, em que ler e escrever são instrumentos para compreender e transformar a realidade.

Diferentemente da alfabetização — que se refere ao domínio do sistema de escrita —, o conceito de letramento diz respeito às práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos culturais. Enquanto a alfabetização ensina a decodificar letras e palavras, o letramento implica o uso funcional e crítico da linguagem em situações reais, possibilitando ao indivíduo participar ativamente da sociedade. Soares (1998, p. 33) ressalta que o letramento surge como resposta às demandas de um mundo cada vez mais mediado pela escrita, que exige não só saber ler e escrever, mas também interpretar, argumentar e ressignificar textos em diferentes esferas da vida.

Ao oferecer aos pequenos leitores a possibilidade de se verem refletidos nas histórias — seus “espelhos” — e, simultaneamente, de terem acesso a experiências diversas das suas — suas “janelas” —, a literatura infantil estimula a empatia, o pensamento crítico e o reconhecimento da pluralidade. Coelho (2000, p. 42) defende uma literatura que dialogue com as contradições do mundo real, enquanto Abramovich (1997, p. 30) entende que a leitura de histórias abre espaço para expressar e elaborar emoções frequentemente difíceis de nomear. Em consonância, Petit (2009, p. 56) afirma que “a leitura literária abre a possibilidade de sair de si mesmo, de pôr-se no lugar do outro, de escutar outras vozes”. Dessa forma, a literatura infantil se configura como um exercício de alteridade e escuta que ultrapassa os limites da instrução formal.

A potência humanizadora da literatura torna-se ainda mais evidente na abordagem de temas sensíveis. Contrariando uma visão protecionista da infância, obras literárias de qualidade possibilitam a elaboração simbólica de experiências difíceis sem causar traumas, valendo-se da metáfora, da fantasia e da linguagem poética. Bettelheim enfatiza que

É no enfrentamento de dificuldades graves que a criança sente o desejo de ouvir histórias, principalmente aquelas em que o herói enfrenta grandes perigos e, depois de muitas provações, consegue vencê-los. Através da identificação com o herói, a criança se fortalece e adquire coragem para lidar com os seus próprios conflitos internos. (Bettelheim 1980, p. 17)

Assim, as histórias funcionam como mediadoras simbólicas fundamentais, ajudando as crianças a reconhecer, nomear e compreender emoções complexas. A

identificação com personagens e situações fictícias oferece caminhos para lidar com sentimentos difíceis, ampliando a consciência emocional e favorecendo a elaboração subjetiva das experiências.

A representação das classes populares e de diferentes realidades sociais na literatura infantil é fundamental para a construção de identidades plurais e para o combate à exclusão simbólica. Quando certas vivências são sistematicamente omitidas ou reduzidas a estereótipos — como a pobreza retratada apenas como tragédia ou a periferia associada unicamente à violência —, a literatura deixa de cumprir seu papel formador e acaba reforçando hierarquias sociais. Silva e Gouveia (2022, p. 57) alertam que “a não representação ou a presença de estereótipos sobre a pobreza na literatura infantil reforça desigualdades e compromete o direito das crianças de se verem retratadas com dignidade e pluralidade”.

Essa reflexão sobre o direito à representação remete à justiça simbólica. Crianças de classes populares que não se reconhecem nas histórias podem internalizar a ideia de que suas experiências são menos válidas ou invisíveis socialmente. Por outro lado, quando a literatura infantil acolhe diferentes realidades — protagonistas negros, crianças periféricas, famílias não tradicionais, comunidades rurais —, não apenas valida identidades, mas também desnaturaliza preconceitos, beneficiando leitores de todas as origens.

Silva e Gouveia (2022, p. 45) reforçam que a literatura comprometida com a diversidade deve ir além da simples inclusão superficial de personagens marginalizados, buscando complexificar suas narrativas ao mostrar suas lutas, alegrias, contradições e potências. Um exemplo seria retratar uma comunidade carente não só pela falta de recursos, mas também por sua criatividade, afetos e resistência. Essa abordagem rejeita a inclusão meramente simbólica e favorece uma educação antirracista e antipreconceituosa, como também ressaltado por Gomes (2012, p. 23)³ em seus estudos sobre representatividade escolar.

³ GOMES (2012) apresenta uma análise aprofundada sobre a formação de professores para a promoção de uma educação antirracista, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que garantam a representatividade étnico-racial e o enfrentamento do racismo estrutural no contexto escolar, por meio de relatos de experiência e fundamentação teórica.

Nesse sentido, cabe à escola garantir o acesso a uma literatura plural e de qualidade, superando práticas reducionistas que transformam o texto literário em mero suporte didático. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reforça essa concepção ao destacar a importância da literatura na formação integral, construção de identidades e valorização da diversidade cultural. Para que esse potencial se realize plenamente, é fundamental criar ambientes de leitura que privilegiem a experiência estética, o diálogo e a livre interpretação.

Entretanto, o papel humanizador da literatura infantil não se limita ao ambiente escolar. Em contextos familiares e comunitários, a leitura compartilhada fortalece vínculos afetivos, amplia os horizontes de mundo e incentiva o diálogo entre gerações. Petit (2009, p. 56) chama a atenção para o fato de que a literatura se configura como um poderoso instrumento para a construção da alteridade, possibilitando que crianças e adultos experimentem outras perspectivas e modos de vida.

Em tempos marcados por profundas desigualdades sociais, a literatura infantil se apresenta como uma linguagem vital para a formação de sujeitos éticos, críticos e solidários. Ao propiciar o contato com diversas experiências humanas e a elaboração simbólica de vivências, ela cumpre sua função mais essencial: contribuir para uma educação verdadeiramente humanizadora.

Para que isso seja possível, é imprescindível que as editoras de livros infantis assumam um compromisso sério com a democratização do acesso a obras que representem, com sensibilidade e autenticidade, a realidade social brasileira — especialmente no que diz respeito às classes populares e à pobreza. Contudo, a maioria das editoras atua sob a lógica do mercado editorial, em que o lucro muitas vezes prevalece sobre a relevância social. Assim, narrativas que abordam desigualdades e questões sociais enfrentam barreiras para ganhar espaço, salvo quando se encaixam em demandas escolares ou nichos específicos.

Mesmo assim, cabe às editoras que pretendem atuar com ética e responsabilidade o papel de curadoras de um repertório literário que ultrapasse o entretenimento ou o didatismo simplista. É papel dessas instituições fomentar a publicação de obras que provoquem reflexão, ampliem horizontes e formem leitores conscientes e sensíveis às questões sociais.

Colomer (2007, p. 17) chama atenção para a “dupla intencionalidade” da literatura infantil: destinada às crianças, ela é também produzida, selecionada e mediada por adultos, em especial pelas editoras, que funcionam como filtros ideológicos e estéticos. Dessa forma, as editoras não apenas viabilizam a existência física dos livros, mas atuam ativamente na construção dos imaginários infantis, decidindo o que será lido, como será lido e o que ficará silenciado nas prateleiras. Nesse sentido, Cosson (2006, p. 73) ressalta que a formação do leitor acontece não só pela leitura em si, mas também pela exposição a textos que desafiem o leitor a ampliar sua percepção de mundo — uma tarefa que exige curadoria ética e compromisso social.

É igualmente fundamental que essas obras se afastem de visões romantizadas ou simplistas, que reduzam a complexidade dos temas. A literatura infantil, além do seu valor estético, pode ter o poder de sensibilizar e educar as novas gerações para a importância da empatia, do respeito às diferenças e da busca por justiça social. Assim, ela promove uma formação crítica e reflexiva, estimulando as crianças a se posicionarem diante das injustiças e a compreenderem o contexto social em que vivem.

Portanto, as editoras devem ir além de meras parceiras na produção editorial e se transformar em agentes que fomentem um espaço de reflexão e questionamento sobre a realidade social. Ao publicarem obras que tratem desses temas com seriedade e respeito, cumprem uma função pedagógica e cultural fundamental, permitindo que crianças se vejam representadas e se conectem com realidades frequentemente marginalizadas ou ignoradas.

Tardiff (2014, p. 104) reforça essa dimensão humanizadora, afirmando que essas obras oferecem um espaço para o reconhecimento mútuo e a construção genuína de empatia, indo muito além da simples moralização. Assim, podemos concluir que a literatura infantil, quando comprometida com a representação da realidade social e mediada por editoras conscientes de seu papel cultural, ultrapassa sua função pedagógica tradicional e se configura como um espaço de escuta, reconhecimento e formação ética. É nesse campo sensível, coletivo e político que reside a sua maior potência humanizadora.

4 O QUE NOS DIZEM OS CATÁLOGOS DAS EDITORAS MAIS RENOMADAS: COMPANHIA DAS LETRINHAS E FTD

Entre as principais editoras de literatura infantil do país, destacam-se a Companhia das Letras, por meio de seu selo Companhia das Letrinhas, e a Editora FTD. Ambas se consolidaram como referências no mercado editorial, influenciando diretamente a formação leitora de crianças nas escolas e nos lares. Tal protagonismo torna relevante — e necessário — observar de perto os catálogos dessas editoras, considerando seu papel central na mediação entre infância e leitura no Brasil.

A escolha de investigar especificamente as editoras Companhia das Letrinhas e FTD justifica-se por sua expressiva presença nas práticas pedagógicas formais e informais, bem como pela ampla circulação de seus acervos voltados ao público infantil. A Companhia das Letrinhas, como um dos maiores selos editoriais dedicados à literatura infantil no Brasil, destaca-se por seu catálogo extenso e diversificado, que contempla autores consagrados, obras premiadas e temas variados — o que a torna uma referência no setor e um termômetro relevante para compreender tendências e representações dominantes no campo. Já a Editora FTD, com forte tradição no meio educacional, caracteriza-se por um viés marcadamente pedagógico, sendo amplamente adotada em instituições de ensino e em programas públicos de distribuição de livros. Seus títulos exercem influência significativa na formação leitora das crianças, tanto por sua presença massiva nas escolas quanto pela articulação entre literatura e conteúdos escolares. Ambas, portanto, desempenham papéis centrais na construção dos imaginários e repertórios sociais infantis, sendo estratégicas para analisar como — e se — as diferentes classes sociais, especialmente as menos favorecidas, têm sido representadas na literatura voltada à infância.

Nesse sentido, analisar quais temas são privilegiados — e, sobretudo, quais são sistematicamente silenciados — revela não apenas uma política editorial, mas também uma posição ideológica frente à realidade social brasileira. A desigualdade social, em especial a pobreza, é uma dimensão concreta da vida de muitas crianças no Brasil. Questionar sua sub-representação no acervo de editoras que detêm o protagonismo no mercado é também uma forma de problematizar o direito à representatividade no campo da literatura infantil. Como bem lembra Abramovich

(1997, p. 32), omitir essas realidades dos livros infantis é contribuir para o apagamento simbólico de uma parcela significativa da infância brasileira.

4.1 EDITORA COMPANHIA DAS LETRINHAS

A Companhia das Letras, fundada em 1986 por Luiz Schwarcz, apresenta-se como uma editora comprometida com a pluralidade e a qualidade intelectual de suas publicações. Em seu site institucional, afirma que sua missão é “publicar livros relevantes, de qualidade literária e editorial, que contribuam para o debate público e a formação de leitores críticos” (Companhia das Letras, 2025). Com mais de cinco mil títulos publicados, entre literatura, ciências humanas e livros para crianças e jovens, a editora afirma defender a diversidade e a transformação social por meio da leitura.

Foi dentro desse escopo que nasceu, em 1992, o selo Companhia das Letrinhas, dedicado à literatura infantil e infantojuvenil. Segundo o próprio portal da editora, o selo “acredita que os livros devem acompanhar a infância com afeto e inteligência, abrindo espaço para temas relevantes da atualidade” (Companhia das Letras, 2025). Seu catálogo conta com nomes importantes da literatura infantil brasileira, como Otávio Júnior, Kiusam de Oliveira, Sonia Rosa e Lília Schwarcz, autores que contribuem com obras que abordam temas como diversidade racial, respeito à diferença, meio ambiente e inclusão.

Para a análise realizada, os títulos selecionados a partir dos catálogos das editoras seguiram critérios específicos. Foram considerados apenas livros classificados como literatura infantil, voltados para crianças de zero a doze anos, de modo a focar no público-alvo principal dessas editoras. A seleção privilegiou obras que abordassem temáticas relacionadas à desigualdade social, diversidade, inclusão e representatividade das classes populares, conforme indicado nas descrições editoriais ou sinopses. Além disso, buscou-se privilegiar publicações recentes para refletir a produção editorial contemporânea e seu alinhamento com demandas sociais atuais. Por fim, foram considerados títulos efetivamente disponíveis nos catálogos online oficiais, garantindo a confiabilidade e atualidade das informações, e também aqueles destacados pelas editoras em coleções temáticas ou campanhas editoriais, o que indica o interesse e investimento editorial em narrativas socialmente engajadas.

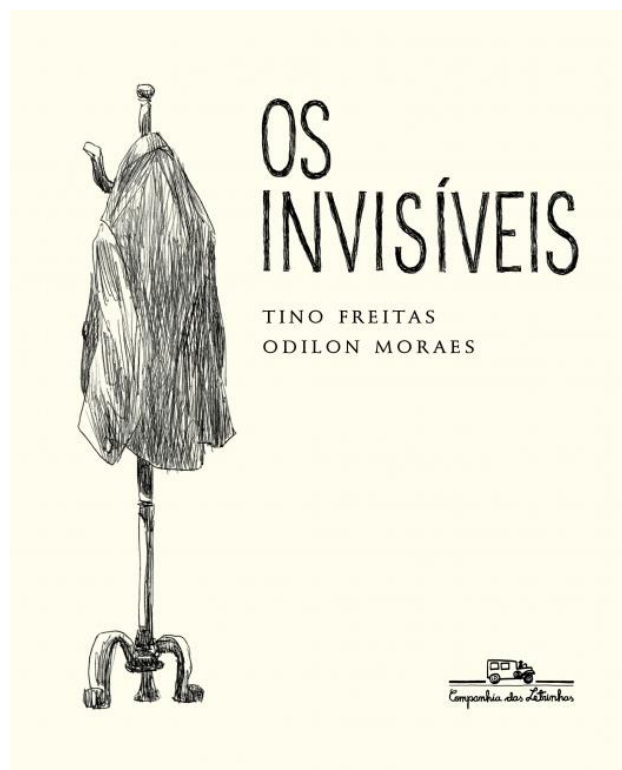
Todavia, quando observamos especificamente a presença de narrativas que discutem de forma crítica a pobreza e a desigualdade social, os números são muito

mais tímidos. Entre os mais de mil títulos do selo, apenas algumas obras escritas por autores brasileiros se aproximam dessa temática. Destacam-se:

- *Da minha janela* (Otávio Júnior, 2019);
- *Os Invisíveis* (Tino Freitas e Odilon Moraes, 2021);
- *Os Pombos* (Blandina Franco e José Carlos Lollo, 2023);
- *Aporofobia* (Blandina Franco e José Carlos Lollo, 2023);
- *Óculos de Cor* (Lilia Moritz Schwarcz, 2023);
- *Neguinha, sim!* (Renato Gama, 2023).

Essas obras, embora contribuam para ampliar a representatividade e discutir temas como exclusão urbana e preconceito, não necessariamente elegem a pobreza como eixo central da narrativa, tratando-a de modo muitas vezes simbólico ou em segundo plano. A exceção talvez seja *Os Invisíveis*, que tematiza com mais clareza a vida das pessoas em situação de rua.

Figura 1 - Livro "Os Invisíveis"

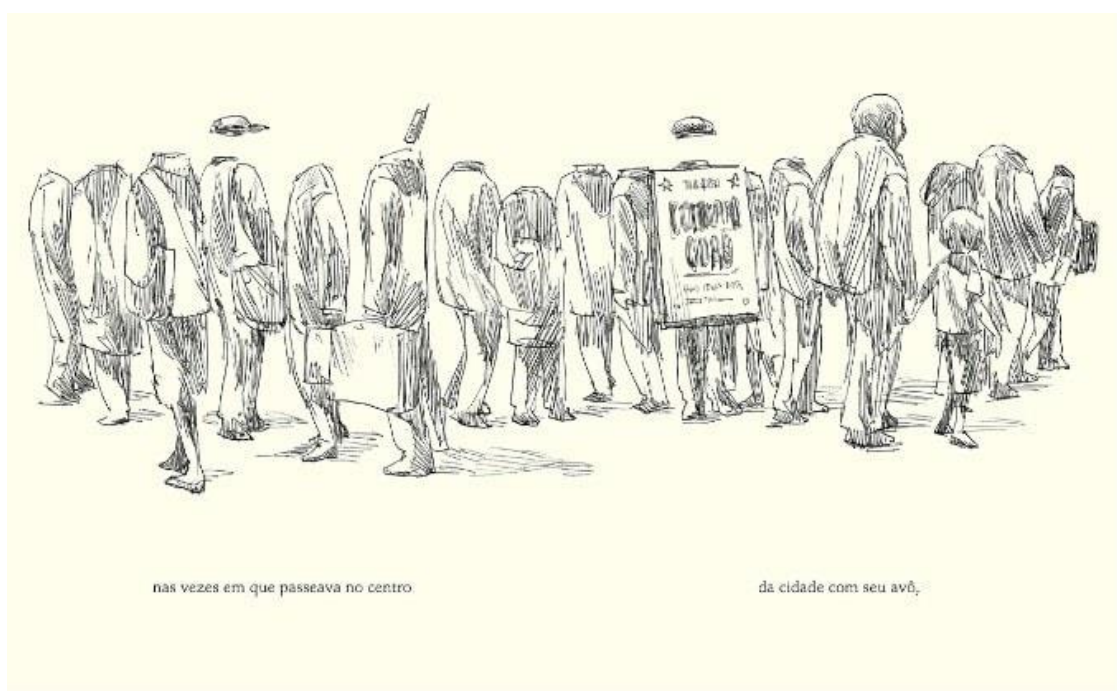


Fonte: Companhia das Letrinhas (2021).

Publicado em 2021, com texto de Tino Freitas e ilustrações de Odilon Moraes, *Os Invisíveis* propõe uma abordagem poética e crítica sobre o cotidiano das pessoas em situação de rua, especialmente nos grandes centros urbanos. A narrativa é construída a partir do ponto de vista de uma criança que observa aqueles que são ignorados pela maioria das pessoas: homens, mulheres, idosos e até mesmo crianças que vivem nas calçadas, sob viadutos ou em praças. A obra destaca como essas figuras são sistematicamente apagadas do olhar coletivo, reforçando um ciclo de exclusão e desumanização.

Ao lançar luz sobre esses sujeitos, o livro busca sensibilizar o jovem leitor, convidando-o a refletir sobre a presença real e concreta dessas pessoas que, embora estejam fisicamente próximas, permanecem ausentes dos discursos oficiais e das interações sociais cotidianas. A escolha de uma linguagem delicada, associada a ilustrações sensíveis e expressivas, amplia o potencial de *Os Invisíveis* como instrumento de formação ética e política desde a infância. A obra destaca-se, assim, por romper com o silêncio que ainda recobre a pobreza extrema na literatura infantil brasileira, oferecendo uma representação digna e empática daqueles que são comumente ignorados.

Figura 2 - Trecho retirado do livro "Os Invisíveis"



Fonte: Companhia das Letrinhas (2021).

Essa constatação evidencia uma lacuna no catálogo da Companhia das Letrinhas: o número reduzido de livros que tratam da desigualdade social brasileira a partir de uma perspectiva infantil. Como lembra Abramovich (1997, p. 32), “os livros falam das coisas boas da vida, dos laços afetivos, dos sonhos e da fantasia, mas calam diante da fome, da miséria, das crianças que vivem nas ruas”. Tal silêncio revela não apenas uma ausência temática, mas um posicionamento editorial que privilegia conteúdos mais palatáveis ao mercado consumidor, mesmo quando se declara comprometido com a transformação social.

A crítica torna-se ainda mais pertinente ao considerar a influência desse selo em espaços escolares e programas públicos de leitura. Como alerta Colomer (2003, p. 104), a literatura infantil muitas vezes reproduz padrões de classe média urbana, silenciando as vivências das infâncias marginalizadas. Ao restringir o acesso a narrativas que abordem explicitamente a pobreza, perpetua-se um imaginário homogêneo, no qual apenas determinadas experiências infantis são validadas e compartilhadas.

4.2 EDITORA FTD

A Editora FTD, por sua vez, com mais de um século de atuação e origem vinculada aos Irmãos Maristas⁴, ocupa lugar de destaque no mercado de livros didáticos e paradidáticos. Em seu site institucional, a FTD afirma acreditar “na educação como caminho para transformar vidas e realidades” (FTD Educação, 2025). Essa missão, no entanto, encontra limitações quando se trata da produção de literatura infantil voltada à representação das desigualdades sociais.

Para a análise do catálogo da editora, foram adotados critérios específicos, semelhantes aos utilizados no levantamento da Companhia das Letrinhas. Consideraram-se apenas livros classificados como literatura infantil, destinados ao

⁴ Irmãos Maristas (ou *Frères Maristes*, em francês) são membros da *Sociedade de Maria*, congregação religiosa católica fundada em 1817 por São Marcelino Champagnat, na França. Voltados à educação e à evangelização de crianças e jovens, os maristas atuam em escolas e obras sociais em mais de 80 países. No Brasil, desde 1902, mantêm a Editora FTD, inicialmente criada para produzir material didático para suas instituições de ensino e hoje uma das principais editoras educacionais do país.

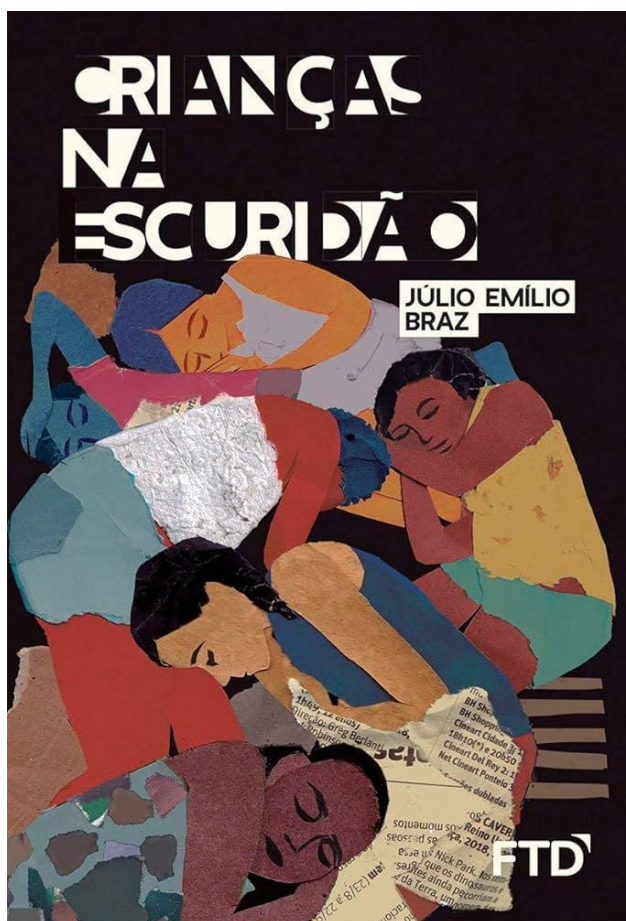
público de zero a doze anos, com foco em temáticas que abordassem de forma direta ou simbólica questões como pobreza, desigualdade social, exclusão, diversidade e representatividade das classes populares. A busca concentrou-se em obras de autores brasileiros, publicadas preferencialmente nas últimas décadas, e que estivessem disponíveis no catálogo online oficial da FTD. Também foram priorizados títulos promovidos pela própria editora em campanhas temáticas ou destacadas como parte de suas coleções voltadas à formação cidadã e crítica.

A análise de seu catálogo revela poucas obras que tratem diretamente da pobreza. Entre os títulos de autores brasileiros que abordam esse tema de forma mais clara ou simbólica, identificam-se:

- *Crianças na escuridão* (Júlio Emílio Braz, 2020);
- *É preciso lutar!* (Márcia Kupstas, 1994);
- *Infância Roubada* (Júlio Emílio Braz e Telma Guimarães, 2021).

Crianças na escuridão é talvez a obra mais significativa no que diz respeito à abordagem frontal da pobreza infantil. Escrita por Júlio Emílio Braz, a obra apresenta uma narrativa sensível, mas incisiva, sobre o cotidiano de crianças em situação de rua nas grandes cidades brasileiras. Com uma linguagem direta, o autor aborda temas como abandono, fome, violência, tráfico de drogas e a negação de direitos básicos, sem recorrer à espetacularização da miséria.

Figura 3 - Livro "Crianças na escuridão".



Fonte: Editora FTD (2020).

Narrado em primeira pessoa por um menino anônimo que vive nas ruas, o texto revela a dureza da exclusão com clareza e potência. Logo nas primeiras páginas, o protagonista afirma: *“A gente vive escondido, mas não porque quer se esconder. É porque ninguém quer ver a gente mesmo.”* (Braz, 2020, s/p). Esse olhar revela o apagamento simbólico e social dessas crianças. Em outro momento, ao descrever sua tentativa de dormir sob um viaduto, diz: *“O chão era frio, mas eu já me acostumei. A fome não deixa a gente dormir direito, mas o cansaço é maior.”* (Braz, 2020, s/p).

A narrativa se destaca por apresentar reflexões que vão além da vivência imediata, evidenciando a estrutura social que perpetua a exclusão: *“A gente não nasce na rua. A gente é jogado nela. Por pai, por mãe, por governo, por todo mundo.”* (Braz, 2020, s/p). A ausência de nomes próprios e a voz narrativa coletiva reforçam a ideia de que se trata de uma realidade vivida por milhares de crianças no Brasil. Por sua abordagem direta e humanizadora, o livro foi selecionado pelo Clube de Leitura da

ONU como exemplo de literatura alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 1 — *Erradicação da pobreza*.

É preciso lutar! apresenta uma narrativa de resistência e mobilização social de crianças de um bairro periférico. Já *Infância Roubada* aborda o trabalho infantil e as injustiças que dele decorrem, contribuindo para o debate sobre direitos e cidadania desde a infância.

Mesmo com essas contribuições, observa-se que a pobreza ainda não ocupa um lugar expressivo na linha editorial da FTD, que tende a privilegiar temas mais neutros ou focados em valores universais. Assim como na Companhia das Letrinhas, o risco é a construção de um catálogo que, embora diverso em termos de linguagem e estética, permaneça restrito em termos de representatividade social.

Ao analisar criticamente as publicações dessas duas editoras, é possível afirmar que há avanços significativos na inclusão de temas como identidade étnico-racial, pluralidade cultural e empatia. No entanto, a pobreza e a desigualdade social seguem sendo representadas de maneira periférica ou, em muitos casos, ausentes. Como defende Candido (2004, p. 177), “a literatura humaniza porque amplia nossa capacidade de compreensão do outro e de nós mesmos”. Esse potencial humanizador só se concretiza plenamente quando todas as infâncias são representadas e legitimadas no universo literário.

Reafirma-se então a urgência de ampliar os espaços para a literatura infantil que enfrente, com delicadeza e profundidade, as questões sociais estruturais que marcam a realidade brasileira. Cabe às grandes editoras, que já detêm os meios e o prestígio, abrir espaço para narrativas que deem visibilidade às infâncias marginalizadas, contribuindo para a construção de um imaginário mais justo, plural e transformador.

5 O QUE NOS DIZ O CATÁLOGO DA EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

A presença da Editora Expressão Popular nesta análise justifica-se justamente por sua posição singular no cenário editorial brasileiro. Diferentemente das grandes editoras comerciais analisadas anteriormente, a Expressão Popular assume, desde sua fundação, um compromisso explícito com a formação crítica e com a representação das camadas populares. Isso se reflete diretamente em seu catálogo, especialmente na seleção de títulos infantojuvenis que tratam de forma frontal temas como desigualdade, pobreza, trabalho infantil, exclusão e organização popular. Assim, sua inclusão neste estudo é fundamental para ampliar o debate sobre o papel político da literatura infantil e para apresentar um contraponto às outras linhas editoriais do mercado.

Fundada em 1999, a Editora Expressão Popular surgiu da necessidade de ampliar o acesso ao conhecimento crítico por meio da democratização da leitura, associando produção editorial de qualidade a valores acessíveis. Com raízes no campo dos movimentos sociais, especialmente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), a editora afirma em seu site institucional que busca “divulgar livros que ajudem na formação política da classe trabalhadora” (Expressão Popular, 2025). Seu catálogo abrange diferentes áreas do saber, como ciências sociais, educação popular, filosofia e agronomia, mas também dedica atenção à literatura infantojuvenil com uma proposta pedagógica nitidamente contra-hegemônica⁵, centrada na transformação social e na valorização das experiências das infâncias empobrecidas.

No campo da literatura para crianças e jovens, a Expressão Popular apresenta uma linha editorial orientada pela crença de que “a leitura é um direito e um caminho para a transformação social” (MST, 2020). A editora entende a literatura como uma linguagem potente para a formação integral, oferecendo narrativas que não apenas entretêm, mas que também provocam reflexão crítica, especialmente sobre a

⁵ Ou seja, busca questionar narrativas dominantes ao priorizar temáticas como lutas sociais, desigualdade estrutural e representação de grupos marginalizados, em oposição a abordagens tradicionais ou conservadoras. Essa perspectiva alinha-se à missão da editora de difundir obras comprometidas com a transformação social.

realidade vivida pelas camadas populares do Brasil. Nesse sentido, destaca-se das grandes editoras comerciais por assumir, de forma clara, uma proposta política de humanização e representação das infâncias empobrecidas.

A aposta em narrativas que provocam reflexão e que dialogam com a realidade concreta das classes populares marca uma distinção relevante em relação às editoras comerciais, cujo catálogo tende a suavizar conflitos sociais. Embora seu acervo infantojuvenil seja mais enxuto, observa-se, no levantamento realizado, que boa parte das obras publicadas traz como eixo central temas estruturantes da desigualdade brasileira. Essa consistência temática demonstra que há uma base sólida já construída, à espera de políticas públicas e espaços institucionais que lhe confirmem maior circulação e reconhecimento.

Observa-se no levantamento realizado que as obras disponíveis para o público infantil abordam explicitamente desigualdades sociais ou econômicas como eixo central da narrativa. Esse dado contrasta fortemente com o observado nos catálogos da Companhia das Letrinhas e da FTD, nos quais as temáticas sociais aparecem de forma pontual, simbólica ou periférica. Mesmo com um catálogo mais enxuto, a Expressão Popular se destaca por priorizar e investir sistematicamente em narrativas com esse enfoque.

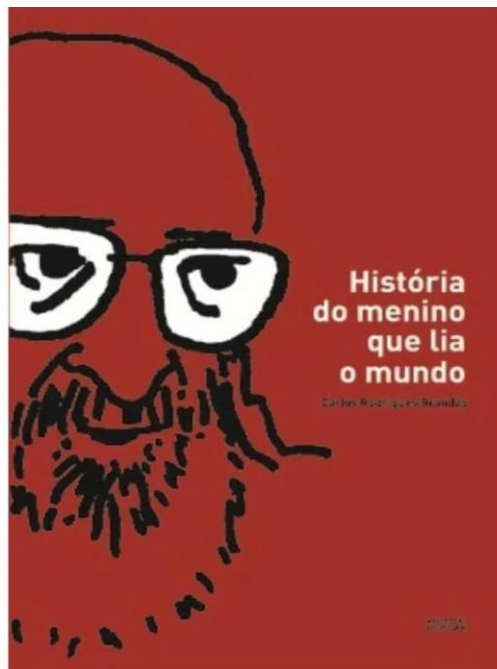
Entre os títulos identificados em seu catálogo de literatura infantil e infantojuvenil que abordam de maneira explícita a desigualdade social, com ênfase na pobreza, destacam-se:

- *Um fantasma ronda o acampamento* (Maria José Silveira, 2006);
- *História do menino que lia o mundo* (Editora Expressão Popular, 2019);
- *A revolução de Anita* (Editora Expressão Popular, 2022);

Em *Um fantasma ronda o acampamento*, a autora constrói uma narrativa lúdica, mas profundamente crítica, situada no contexto de um acampamento Sem Terra. A obra apresenta as condições precárias em que vivem muitas crianças camponesas e a força coletiva que surge da luta organizada por terra, escola e dignidade.

A obra *História do menino que lia o mundo*, escrita por Moema Viezzer e ilustrada por Odilon Moraes, é uma narrativa infantojuvenil que reconstrói, de maneira poética e acessível, a infância de Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros. Ao recorrer à linguagem da ficção, o livro torna a biografia de Freire compreensível e inspiradora para crianças, ao mesmo tempo em que preserva aspectos fundamentais de sua trajetória real: a pobreza enfrentada na infância, a descoberta da leitura do mundo antes da leitura das palavras e o compromisso com a transformação social por meio da educação.

Figura 4 - Livro "História do menino que lia o mundo".



Fonte: Editora Expressão Popular (2014).

A obra se destaca por apresentar uma infância marcada pela escassez e pelas desigualdades, sem, no entanto, cair em uma narrativa de vitimização. Ao contrário, valoriza a sensibilidade do menino Paulo diante do sofrimento próprio e alheio, revelando sua capacidade de observar criticamente o mundo ao seu redor. Essa sensibilidade é o que mais tarde o conduzirá à formulação de uma pedagogia libertadora, baseada no diálogo, na escuta e no reconhecimento dos saberes populares.

Ao narrar episódios como a perda do pai, as dificuldades financeiras da família e a mudança para o interior de Pernambuco, o livro oferece às crianças leitoras a possibilidade de se conectar com experiências de privações muitas vezes semelhantes às suas, o que contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e reconhecimento. A presença da mãe e o ambiente doméstico ganham destaque como espaços de afeto e resistência, fundamentais na formação ética e intelectual do protagonista.

Além disso, a metáfora da leitura do mundo, central na pedagogia freiriana, é traduzida de forma sensível e poética, tornando-se compreensível para o público infantil. A leitura, nesse contexto, vai além do acesso à linguagem escrita: ela é instrumento de percepção crítica da realidade, de empatia e de desejo de transformação. Ao apresentar Paulo Freire como um menino curioso, atento e comprometido com a dor dos outros, a obra convida as crianças a também se posicionarem diante das injustiças que as cercam.

A escolha por um projeto gráfico delicado, com ilustrações que reforçam o tom intimista da narrativa, complementa o caráter humanizador da obra. *História do menino que lia o mundo* é, portanto, um exemplo potente de como a literatura infantil pode abordar temas sensíveis como a pobreza, a desigualdade social e o direito à educação sem perder de vista a delicadeza, o lirismo e a potência crítica da infância. *A revolução de Anita* explora a mobilização política desde a infância, ao narrar a trajetória de uma jovem que participa da Revolução Cubana, propondo analogias com os movimentos populares latino-americanos.

Essas obras contrastam com o mercado editorial tradicional por se alinharem diretamente às condições de vida das classes populares, utilizando o livro como ferramenta de expressão e reconhecimento. Ao contrário do que se observa nos catálogos das editoras comerciais analisadas anteriormente, a Expressão Popular opta por abordar a pobreza de forma frontal, com linguagem acessível e estética popular, priorizando a circulação em espaços de educação não formal, como bibliotecas comunitárias, escolas do campo e projetos de alfabetização de adultos.

No entanto, embora a linha editorial da Expressão Popular seja clara em seu compromisso com a justiça social, é necessário apontar alguns limites de alcance. Conforme declara o próprio MST, a distribuição das obras ainda está concentrada em

territórios de militância e nos circuitos alternativos de educação popular, o que limita sua presença em redes públicas de ensino urbano e em bibliotecas escolares. “Nosso objetivo não é disputar mercado, mas formar leitores conscientes para transformar a realidade” (Expressão Popular, 2025).

Esse depoimento reforça o desafio de ampliar a visibilidade de obras com abordagem crítica sobre a pobreza. Como alerta Ramos (2010, p. 27), “o que está ao alcance dos leitores nem sempre representa a diversidade da produção editorial, especialmente quando se trata de livros que abordam questões sociais complexas”. A autora defende que a formação de leitores críticos exige políticas públicas que democratizem o acesso à literatura que problematiza as desigualdades e promova sua presença nas escolas e bibliotecas que integrem títulos como os da Expressão Popular aos programas de leitura nas escolas.

Apesar dos obstáculos, a Expressão Popular demonstra que é possível construir uma literatura infantil que trate com respeito e profundidade temas como desigualdade, trabalho e exclusão. A centralidade da pobreza como tema, longe de limitar a fruição estética, potencializa o caráter humanizador da leitura, ao permitir que crianças de diferentes origens reconheçam suas experiências e sonhos nas páginas dos livros.

Defende-se, portanto, a necessidade de que iniciativas como essa sejam articuladas com outras políticas editoriais, tanto no setor público quanto no privado, a fim de garantir uma presença mais ampla de obras que não apenas celebrem a diversidade, mas que também enfrentem as desigualdades estruturais com coragem e sensibilidade.

Apesar de seu catálogo mais enxuto e de sua circulação limitada a determinados espaços, a Expressão Popular tem conseguido oferecer às crianças livros que tratam de forma direta e crítica de temas como fome, trabalho infantil, exclusão educacional e organização popular. Enquanto editoras comerciais tendem a suavizar essas questões ou relegá-las ao pano de fundo das histórias, um título como *História do menino que lia o mundo* coloca o debate social no centro da narrativa, sem perder de vista a linguagem acessível e a sensibilidade estética. Essa escolha revela um compromisso não apenas político, mas ético e pedagógico, com a formação de uma infância leitora capaz de pensar criticamente o mundo ao seu redor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar como a desigualdade social é representada na literatura infantil brasileira contemporânea, por meio da análise do catálogo de três editoras: FTD, Companhia das Letrinhas e Expressão Popular. A partir dessa análise comparativa, foi possível identificar uma escassez significativa de obras que abordem diretamente a temática da desigualdade social, especialmente no catálogo das editoras com maior alcance no mercado editorial e educacional.

A análise revelou que, embora FTD e Companhia das Letrinhas possuam um número expressivo de títulos voltados ao público infantil, poucos abordam questões relacionadas à desigualdade de forma explícita e crítica. Quando essas questões aparecem, tendem a ser tratadas de maneira superficial ou desvinculadas de uma perspectiva estrutural. Como aponta Góis (2000, p. 21), “a literatura infantil, em sua maioria, mascara os conflitos sociais em nome de uma suposta neutralidade educativa”.

Essa abordagem limitada pode comprometer o papel formativo da literatura, que, segundo Faria (2008, p. 57), deve dialogar com a realidade da criança e ajudá-la a construir sentidos sobre o mundo que a cerca: “a leitura literária na infância é também uma forma de aprender a pensar criticamente sobre o mundo”. Coelho (2000, p. 89) reforça que, ao excluir temas sociais relevantes, a literatura infantil corre o risco de se tornar um espaço de alienação, ao invés de formação.

Em contrapartida, a Editora Expressão Popular, ainda que com um catálogo menor em comparação às outras duas editoras analisadas, apresenta obras que tratam diretamente de temas como desigualdade social, lutas de classe, moradia, trabalho e resistência popular. Essa diferença evidencia um compromisso editorial mais claro com uma perspectiva crítica e transformadora, alinhada à proposta de uma literatura como instrumento de conscientização social (Paulino, 2014, p. 102).

A presença limitada de obras com essa abordagem nas grandes editoras indica uma lacuna importante na produção editorial voltada para a infância. Considerando a realidade brasileira marcada por desigualdades históricas e estruturais, a literatura infantil poderia ser um instrumento potente na formação de leitores

conscientes, sensíveis e questionadores. Segundo Cerri (2010, p. 34), “a escola e os materiais didáticos, incluindo a literatura, precisam ser espaços de problematização das desigualdades, não de sua negação”.

Entre as limitações deste trabalho, destaca-se o recorte restrito aos catálogos editoriais e à análise de conteúdo das obras identificadas. Não foram abordados, por exemplo, aspectos como a circulação real desses livros nas escolas e bibliotecas, estratégias de mediação da leitura ou recepção pelas crianças — dimensões que, segundo Moraes (2009, p. 63), “são indispensáveis para compreender a leitura como prática cultural e formativa”. Além disso, embora as três editoras tenham sido selecionadas por critérios relevantes — presença no mercado, perfil editorial e representatividade —, elas não representam a totalidade da produção literária infantil brasileira.

Como sugestão para trabalhos futuros, recomenda-se ampliar o número de editoras analisadas, incluindo selos independentes, projetos de literatura periférica e produções regionais. Também seria relevante realizar estudos empíricos com educadores, bibliotecários, famílias e crianças, para compreender como essas obras são mediadas e qual impacto têm na formação crítica do leitor infantil. Silva (2000, p. 45) lembra que “todo currículo, inclusive o literário, é uma construção ideológica e cultural que molda identidades”.

Conclui-se, portanto, que há uma carência de representações consistentes da desigualdade social na literatura infantil brasileira disponível nas principais editoras. Iniciativas como a da Editora Expressão Popular apontam caminhos possíveis para uma literatura mais engajada, plural e conectada com as vivências concretas das crianças brasileiras — especialmente aquelas que convivem cotidianamente com os efeitos da desigualdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRÁS, Júlio Emílio. **Crianças na escuridão**. São Paulo: FTD, 2020.
- BRÁS, Júlio Emílio; GUIMARÃES, Telma. **Infância roubada**. São Paulo: FTD, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRENNAN, Ilan. **As coisas que a gente fala**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.
- BOLOGNESE, Cristina. *Literatura infantil: o que é, como se faz*. São Paulo: Ática, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 177–189.
- CECCANTINI, João Luís. Texto da orelha. In: HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- CERRI, Luiz Fernando. *Educação e desigualdade social: fundamentos sociológicos*. São Paulo: Cortez, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, TERESA. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COMPANHIA DAS LETRAS. **Companhia das Letrinhas**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/Selo/Companhia+das+Letrinhas>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- COMPANHIA DAS LETRAS. **Sobre a Companhia das Letras**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/Sobre>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- D'ÁVILA, Martins; CALDIN, Fortkamp. **Oralidade e literatura infantil no Brasil**. Revista de Literatura e Educação, v. 5, n. 2, 2019.
- DEL PRIORE, Mary. *História do Brasil: Império e República*. São Paulo: Contexto, 2010.

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR. **A revolução de Anita**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR. **Quem somos**. Disponível em: <https://expressaopopular.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Infância e literatura: a cultura escrita e a formação das crianças pequenas*. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 56–58.

FRANCO, Blandina; LOLLO, José Carlos. **Aporofobia**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

FRANCO, Blandina; LOLLO, José Carlos. **Os Pombos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

FREITAS, Tino; MORAES, Odilon. **Os Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FTD EDUCAÇÃO. **Histórias que transformam**. Catálogo disponível em: <https://ftd.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FTD EDUCAÇÃO. **Quem somos**. Disponível em: <https://ftd.com.br/sobre>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GAMA, Renato. **Neguinha, sim!**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

GÓIS, Moacir. *A ideologia da literatura infantil*. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores: relatos de experiência e reflexões sobre a prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

KUPSTAS, Márcia. **É preciso lutar!**. São Paulo: FTD, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS D'ÁVILA, Fernanda; FORTKAMP CALDIN, Clarice. **Breve histórico da literatura infantil brasileira**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, v. 14, n. 2, 2019.

MORAES, Maria Cristina. *Literatura infantil e valores: possibilidades de formação ética*. São Paulo: Paulus, 2009.

MST. **5 livros da Editora Expressão Popular para celebrar o Dia Nacional da Alfabetização.** Disponível em: <https://mst.org.br/2023/11/14/5-livros-da-editora-expressao-popular-para-celebrar-o-dia-nacional-da-alfabetizacao/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MST. **Literatura de resistência, ferramenta de transformação.** Disponível em: <https://mst.org.br/2019/10/12/literatura-de-resistencia-ferramenta-de-transformacao/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MST. **Parceria entre MST e Expressão Popular incentiva leitura nos assentamentos.** Disponível em: <https://mst.org.br/2020/06/16/parceria-entre-mst-e-expressao-popular-incentiva-leitura-nos-assentamentos/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

NASCIMENTO, Carla. **Infâncias invisibilizadas: desigualdade social e representatividade na literatura infantil brasileira.** Revista Educação & Sociedade, v. 42, 2021.

OLIVEIRA, Mariana de Souza. **Infância representada: vozes e silêncios nas narrativas literárias.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PAULINO, Graça. *Literatura infantil e juvenil: leitura, mediação e formação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura.** São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTO, Maria Helena. *Literatura infantil e questões sociais: desafios e perspectivas.* São Paulo: Editora Educação, 2010.

RAMOS, Sônia. *Literatura infantil e juvenil: uma questão de escolha.* São Paulo: Global, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *História da literatura infantil no Brasil.* São Paulo: Ática, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Óculos de Cor.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

SILVA, Mariana R.; GOUVEIA, Ana R. **Infâncias silenciadas: pobreza e representatividade na literatura infantil.** Revista Educação & Linguagem, v. 25, n. 2, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Maria José. **Um fantasma ronda o acampamento.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SOARES, MAGDA. **Letramento: um tema em três gêneros.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOUZA, José Carlos de. *A Imprensa Régia e a formação do Brasil literário.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

TARDIFF, Teresa. "A literatura infantil e a formação do leitor sensível: caminhos para a humanização".

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. Tradução de Marianne L. de Lemos. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VÁRIOS AUTORES. *Catálogo da Editora Expressão Popular: Literatura Infantil*. São Paulo: Expressão Popular, 2015–2024. Disponível em: <https://www.expressaopopular.com.br>.

VÁRIOS AUTORES. *Catálogo da Companhia das Letrinhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010–2024. Disponível em: <https://www.companhiadasletrinhas.com.br>.

VÁRIOS AUTORES. *Catálogo da Editora FTD*. São Paulo: FTD Educação, 2010–2024. Disponível em: <https://www.ftd.com.br>.

ONU BRASIL. **Livros infantis para os ODS – Clube de Leitura da ONU**.

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/226327-onu-divulga-lista-de-livros-infantis-ligada-aos-17-objetivos-do-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.